

TEXTOS

(Sugestões para seminários)

ELEVAÇÃO DO BRASIL A REINO

(André Werneck)

Dizem alguns historiadores que esse ato (a elevação do Brasil a reino) foi sinal de leviandade de D. João VI, que, sem perceber, abriu o caminho de nossa independência. É, porém, certo que da legislação do período do seu governo, se conclui que El-Rei tinha como auxiliares homens de elevado mérito intelectual, que sabia de sua livre vontade escolher, e é incrível que no meio de tantas provas de penetração deixadas pelos eminentes estadistas que o cercavam escapasse essa idéia e não a fizessem lembrar a El-Rei, caso dela não tivesse cogitado.

O que, pois, se depreende como consequência natural dos precedentes, é que El-Rei, ao elevar o Brasil a Reino Unido, o fez com plena consciência do seu ato. E se sempre procedeu com provas de dedicação ao nosso país, ainda mais o fez quando ao retirar-se deixou D. Pedro como príncipe regente e com poderes quase ilimitados, e que foram base de reclamações das cortes portuguesas.

Se mais precisássemos para demonstrar a consciência que presidiu a todos os atos de D. João VI, bastaria lembrarmos as palavras com que despediu-se D. Pedro, e que eram a previsão da sua obra calculadamente preparada e indicavam a seu filho o caminho a seguir. Se D. Pedro até essa ocasião não pensasse em nossa independência, ficou nesse momento ciente do desejo e apoio de seu pai a esse ato, aparentemente de rebelião.

(Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, apud Raffard, Henri - **Apontamentos acerca de pessoas e cousas do Brasil**, 175. Rio de Janeiro, 1899).

RÔMULO E REMO (Tito Lívio)

Amúlio expulsa seu irmão e apodera-se do trono. Depois deste crime, cometeu outro: ele extermina todos os filhos varões do irmão e, sob o pretexto de honrar sua sobrinha Réia Sílvia colocando-a entre as vestais, ele lhe tira toda a esperança de se tornar mãe, condenando-a à virgindade perpétua.

Mas acredito que o destino estava encarregado da fundação de uma cidade tão poderosa: era a ele que cabia lançar os alicerces desse vasto império que iguala o dos deuses. A vestal que se tornara mãe pela violência, deu à luz dois filhos e, seja por convicção, seja para enobrecer sua culpa atribuindo-a a um Deus, designou Marte para a duvidosa paternidade. Contudo, nem os deuses, nem os homens puderam salvar a mãe e os filhos da crueldade do rei. Acorrentada, a sacerdotisa é colocada na prisão e manda-se jogar os filhos no rio. O acaso ou a bondade dos deuses fez com que as águas do Tibre, estagnadas nas margens, não chegassem até o curso normal do leito; porém, aos executantes das ordens reais, as águas, apesar da lentidão da corrente, pareceram suficientes para submergir as crianças. Persuadidos de ter cumprido sua missão, eles as deixam à beira do rio, no lugar onde hoje está a figueira ruminal (Romulário). Todos estes lugares eram então vastos ermos. Conta-se que a água pouco profunda fez flutuar logo o berço que continha as crianças; que, ouvindo o ruído dos seus vagidos, uma loba vinda com sede das montanhas vizinhas se desviou de seu caminho e se deitou para dar-lhes de mamar com tanta doçura a ponto de lambar as criancinhas, como testemunhou o chefe dos pastores do rei. Este homem chamava-se Fáustolo. Levou-as para casa e encarregou sua mulher Laurentia de criá-las. Outros contam que Laurentia era uma prostituta que os pastores chamavam de Loba: eis o fundamento da tradição milagrosa.

Tais foram o nascimento e a educação destas crianças. Depois de crescerem, elas não se amoleceram na ociosidade habitual dos pastores. A caça levou-as às florestas vizinhas. Dotadas de um corpo robusto, de uma alma intrépida, não se limitaram a domesticar animais selvagens; atacaram ladrões carregados do produto de seus roubos, partilhando com os pastores cujo número aumentava cada dia, graças aos jovens que se associavam a seus trabalhos e a seus prazeres.

(Tito Lívio, I, 3-4. *Apud* Pinsky, Jaime - 100 textos de história antiga, 52-53. São Paulo, Hucitec, 1972).